

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

Tempo ruim

Mormaço, chuvas esparsas, remorso vão... Assim, distraído, estraguei um bom verso antigo de Manuel Bandeira. Eu falava do tempo que tem feito, feio tempo. Prometi a uma jovem dama, que veio de longe em busca de sol, dias radiosos na praia da Pátria; prometi e não cumpro. Ela me olha com desgosto, ironia e desprezo: haviam-lhe dito que eu tinha algum prestígio neste País. Não tenho nenhum. Pensei em apelar para o Governador, mas ele está bolando o discurso que talvez faça na ONU. Que foi convidado, foi mesmo. O Chanceler Vasco desmente, mas desmente apenas que ele tenha feito o convite; isso é coisa da alçada do Presidente. Assim lava o Chanceler as mãos, e deixa as do Presidente suspeitas. Quer este afastar o Lacerda para respirar um pouco? Melhor faria em afastar alguns de seus colegas de farda que desafiam sua autoridade com provocações e conspiratas. Isto não faz; remancha, paciente, agüenta irritado, mas mole. Antes de ir para a ONU deve Lacerda ler uns livros, olhar o mundo, pensar um pouco; não lhe aconteça, numa assembléia fria, ouvir aplausos frenéticos apenas de Portugal e da África do Sul, país este de quem disse Jânio Quadros, numa noite de televisão, que não era um país, era um crime.

E nós, seremos um País? Somos um continente de mormaço, com rios sonolentos de tédio. Chuvas esparsas, remorso vão.

E entrementes

E entrementes tudo cada vez mais no mesmo, por exemplo: como outros IPMs, o da Caixa Econômica Federal continua a funcionar, na sala do diretor da Carteira Hipotecária, como se o Artigo 7 ainda estivesse valendo. Continua a inquirir, e até a prender.

Os inquisidores geralmente gostam do ofício, que lhes dá o sentimento do Poder — e algum dinheiro também. Podem se dar a todos os luxos, inclusive o da magnanimidade; "vou ser bonzinho, já que você pediu". Jogam, como se jogassem peteca, com a li-

berdade e a honra dos outros, a aflição das famílias, o medo dos fracos...

A Justiça, inclusive a militar, toda enfeitada de galões sobre a toga, a Justiça é uma pilhéria. O que o General Mourão e o General Brainer dizem não se escreve; ou se se escreve, ninguém lê, ou se alguém lê, não liga. Vejam, na denúncia de Márcio Moreira Alves, o caso desse advogado Zacariotti, oficial de gabinete do Governador Mauro Borges. Para diminuir o Governador prenderam o Zacariotti, e o torturaram, e o obrigaram a assinar confissões. Pediu-se uma ordem de habeas-corpus, o Superior Tribunal Militar concedeu a ordem por unanimidade. Resultado: o preso foi mudado de prisão e escondido. Há um Coronel Danilo Cunha Melo que não dá bola para essas ordens. E tudo fica por isso mesmo, cada vez mais no mesmo.

Foguetes mil

Mas há também sustos e alegria. O susto foi de dois cariocas que outro dia foram a Goiânia e se hospedaram no Hotel Bandeirantes. Dormiam mansamente quando, pelas cinco da manhã, foram acordados por estrondos fortíssimos, em meio a toques de clarim. As granadas pareciam explodir à altura do quarto andar, onde eles estavam. Um abriu a porta do corredor e viu um hóspede que saía correndo. Outro chegou à janela e viu que não eram granadas que explodiam, eram foguetes. Mais tarde o gerente do hotel lhes explicou que fora um sujeito que tinha tirado a sorte grande e estava comemorando; por sinal que tinha sido preso...

Quando os dois foram almoçar com o Governador comentaram o caso, dizendo que a polícia fizera bem em encanar o alegre perturbador do sossego público. O Governador sorriu e confessou: fora ele quem mandara dois caminhões de foguetes acordar Goiânia inteira, pois era dia do aniversário da cidade. Então um dos cariocas comentou, sem graça: "é, o povo gosta de foguetes..."

Mas eu acho que tem muito fogueteiro demais neste País.